

Espaços Escolares e Espaços Não Escolares: tema para um diálogo conceitual

School Space and Non-school Space: theme for a conceptual dialogue

Nícolas de Souza Brandão de Figueiredo

Universidade Franciscana (UFN)
nicolas.figueiredo@ufn.edu.br

Rosemar de Fátima Vestena

Universidade Franciscana (UFN)
rosemar@ufn.edu.br

Resumo

Nas Instituições Escolares (IE) muitos são os termos utilizados para os espaços disponíveis ao ensino. Contudo, não há consenso entre os usuários e pesquisadores a respeito de qual seja o termo mais adequado, gerando, assim, obstáculos epistemológicos. Objetiva-se neste estudo analisar o sentido das terminologias e conceitos relacionados aos espaços à ação docente. Trata-se de uma pesquisa de doutorado em andamento, de abordagem qualitativa e revisão bibliográfica sistemática que analisa os dados conforme a análise de conteúdo de Bardin. Na busca por tais termos, realizada em plataformas digitais, foram encontrados 21 termos chave referentes a Espaços Escolares (EE) e Espaços Não Escolares (ENE) com sentidos similares. Portanto, o estudo sinaliza para a busca de conceituação e padronização de nomenclatura para tais espaços utilizados pelas IEs. Assim, sugere-se a denominação de EE para àqueles de propriedade e/ou administração das IEs e ENE para os demais espaços públicos e privados não vinculados às IEs.

Palavras chave: prática docente, sala de aula, espaços de ensino.

Abstract

In the School Institutions (SIs) many are the terms used to refer to the spaces available for teaching. However, there is no consensus among teachers and scientists about what is the most appropriate term, thus creating epistemological obstacles. The objective of this study is to analyze the terminology and concepts related to spaces for teaching. This is a doctoral research in progress, of a qualitative and bibliographical approach. In this search for such terms, conducted on digital platforms, 21 key terms were found referring to School Space (SS) and Non-School Space (NSS). Therefore, the study points to the Search for conceptualization and standardization of nomenclature for such space for us by.



Key words: teaching practice, classroom, teaching spaces.

Introdução

Tradicionalmente, o processo de ensino-aprendizagem, no que tange a relação professor/aluno, costuma ser desenvolvido em salas de aula compostas por um grupo de alunos e um docente que estudam conhecimentos já consolidados e, portanto, prontos para apenas serem “ensinados” e/ou “aprendidos” (GOULART, 2020). No entanto, esta configuração de sala de aula, bem como de relação professor/aluno e de ensino/aprendizagem vem demandando mudanças e alterando os contextos de ensino e, conseqüentemente, as práticas dos professores.

Para isso, sem dúvida, são necessárias inovadoras estratégias de ensino para auxiliar no desenvolvimento dos alunos, procurando mostrar a contextualização dos conteúdos escolares. Para isso, é importante relacioná-las a elementos que fazem parte da realidade atual, para que os conteúdos façam sentido à vida dos estudantes (ZURAWSKI; BOER; SCHEID, 2020, p.83).

Assim sendo, o modelo tradicional de ensino não corresponde mais às expectativas das atuais gerações e da sociedade como um todo. Hoje temos crianças e jovens que, ao adentrarem nas escolas, demandam espaços e recursos didáticos alinhados aos seus contextos e, que, principalmente, fazem uso de artefatos tecnológicos cada vez mais presentes em seus cotidianos (RUEDA, 2021).

Diante de um cenário de rápidas transformações, e inundado por uma avalanche de informações (LÉVY, 1998) com reflexos na vida cotidiana dos indivíduos (JONAS, 2006) pertencentes a uma sociedade líquida (BAUMANN, 2001), aos professores se exige novos desafios em sala de aula (CASTELLS, 2003). Um desses desafios, é o de se (re)inventar e de se (re)adaptar a cada dia para que seu conteúdo possa ser lúdico e interessante, e representar de fato as características do objeto de conhecimento para que assim o ensino corresponda aos anseios dos estudantes e da sociedade. Desse modo, os docentes não são mais os únicos detentores do conhecimento, nem tão pouco as escolas e suas salas de aula os únicos espaços para o desenvolvimento de conteúdos e conhecimentos (SMITH et al., 2017).

O professor precisa reunir uma variedade de habilidades, conhecimentos de diferentes áreas, pois a complexidade do fazer docente e da própria educação é desafiadora, principalmente, em tempos de mudança. Professores acomodados que não buscam a inovação não cabem mais nesse novo perfil de escola e de ensino. Percebe-se que professores comprometidos se reinventam, procuram meios tecnológicos de qualidade para aulas interativas e desenvolvem competências necessárias a esta nova realidade, para manutenção da qualidade do ensino (ZURAWSKI; BOER; SCHEID, 2020, p.87).

Desta maneira, a docência pode ir além das aulas realizadas nas salas de aula pertencentes às Instituições de Ensino (IEs), ou seja, nos Espaços Escolares (EE). Assim sendo, pode-se ir além da própria escola, e realizar aulas em Espaços Geográficos (EG) que não pertencem às IEs, os Espaços Não Escolares (ENE). Estas atividades de ensino, que podem ser formais ou não formais, possuem um grande potencial de atração aos alunos, sendo uma das formas mais efetivas que os educadores podem utilizar para quebrar barreiras motivacionais dos alunos (VIEIRA; BIANCONI; DIAS, 2005). Isto ocorre pela ampla multidisciplinariedade de conteúdos que estes locais apresentam, fornecendo aos educandos, diversificados saberes que perpassam o seu cotidiano (OLIVEIRA; KIKUCHI, 2018). Contudo, para que os professores possam ser estimulados a realizarem atividades didáticas fora das salas de aula, sobretudo, fora das escolas, eles também precisam participar de atividades didático-pedagógicas fora destes



espaços desde sua formação inicial, e com complementações em sua formação continuada. A partir de tais experiências, docentes sentir-se-ão mais seguros e habilitados para se envolverem com propostas escolares que otimizem os espaços fora da sala de aula (LORENZATTO, 2009). Provavelmente, as lacunas na formação docente (como a carência de atividades didáticas fora das salas de aula ou fora da IE ao longo da formação inicial e continuada), possam contribuir para que esses momentos com estudantes estejam associados a meros “passeios” e, deste modo, com pouco compromisso com uma perspectiva didático-metodológica (FARIA; LEITE; SOUZA, 2020). Outra questão, que pode estar relacionada as raras atividades das escolas fora da sala de aula, ou atividades didaticamente pouco eficientes, são as poucas informações e discussões acerca do tema nos espaços escolares, apesar de publicações científicas que abordem atividades em que os licenciandos atuem ministrando aulas nestes espaços (SABA, 2021).

Diante desta realidade, pode-se esperar um baixo ou subaproveitamento de tais espaços, e conseqüentemente uma menor valorização destes por parte de professores, alunos e sociedade. Neste sentido, percebe-se que dentre as publicações existentes relacionadas aos espaços que podem ser utilizados para práticas e atividades docentes, existe uma falta de padronização terminológica e conceitual com relação ao uso dos termos EE e ENE, o que pode se configurar como “obstáculos epistemológicos” na compressão dos mesmos (BACHELARD, 1996). Para Bachelard (1996), a falta de padronização, ou lacuna epistemológica pode ser vista com um obstáculo epistemológico que dificulta o acesso e a compreensão do conhecimento científico, não permitindo que o senso comum possa vir a ser conhecimento científico, imobilizando e impedindo que a ciência progrida.

A falta de consenso epistemológico também é relatada em outros campos relacionados ao Ensino. Em uma pesquisa realizada por Vestena; Boer; Schied (2017), a respeito dos Heredogramas em Livros Didáticos (LD) verificou-se que Heredogramas e genealogias (árvores genealógicas) muitas vezes estão associados como sendo similares, embora tenham conceitos distintos. Heredogramas possuem uma padronização internacional de significação e símbolos desde 1993, o que estrutura, graficamente, as relações de parentesco. Por sua vez, árvores genealógicas não possuem esta padronização, permitindo que sejam estruturadas de modo variado (sem uso dos símbolos).

Outro tema que se apresenta com significações iguais ou distintas, é em relação à Alfabetização Científica e o Letramento Científico, que muitas vezes são vistos e traduzidos de outros idiomas como sendo sinônimos (CUNHA, 2017). Todavia, como Soares (2010) esclarece, possuem definições distintas, em que a pessoa Alfabetizada Cientificamente é aquela que aprendeu a ler e a escrever cientificamente, contudo, somente passará a ser Letrada Cientificamente quando fizer uso da leitura e da escrita científica e assim, passar a realmente compreender e interpretar a ciência.

Semelhante aos casos anteriores, o uso de termos diferentes com conceitos que se aproximam ou não, como é o caso das terminologias associadas aos EE e ENE, pode provocar nos leitores, pesquisadores e professores dúvidas e inseguranças com relação a qual terminologia utilizar e o porquê se optar por uma terminologia ou outra. Neste sentido, ao se depararem com pesquisas que trazem termos como: “Ambiente de Ensino Formal ou Espaço de Ensino Formal”, poderão se questionar, por exemplo, “quando um local será um Ambiente de ensino e quando um local será um Espaço?” ou, ‘se um mesmo local pode ser utilizado em práticas formais, não formais e informais?’.

Desta forma, ao se identificar os referidos obstáculos epistemológicos justifica-se buscar compreender quais são os termos atualmente utilizados e buscar uma padronização terminológica capaz de ultrapassar tais obstáculos. Tendo em vista estes questionamentos epistemológicos e demais apontamentos, objetiva-se neste estudo analisar o sentido das terminologias e conceitos relacionados aos Espaços voltados à ação docente. Especificamente,

pretende-se identificar os termos mais utilizados em produções acadêmicas, discuti-los e sugerir uma padronização terminológica a fim de se ultrapassar obstáculos epistemológicos.

Metodologia

O presente estudo é uma pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, na Universidade Franciscana, Rio Grande do Sul. A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa e uma revisão bibliográfica sistemática (GONZALEZ; TOLEDO, 2012) que visa fornecer um olhar mais detalhado e singular acerca da temática dos espaços voltados à ação docente. Assim, a partir dos dados levantados, fez-se uma análise de conteúdo (BARDIN, 2016).

Nesse caso, a análise do conteúdo dos trabalhos publicados teve como foco as comunicações dos autores (em teses, dissertações e artigos) a respeito do tema estudado. Para tanto, foi realizada a descrição das características do texto (ou seja, quais categorias de terminologias foram utilizadas e suas significações de acordo com os autores); a inferência (dedução lógica) dos conhecimentos contidos nos trabalhos; e a interpretação das mensagens contidas em tais publicações científicas. Desta forma, foi possível concluir a respeito da realidade entendida e subentendida nas mensagens, e não apenas da mensagem escrita em si, ou seja, responder o que conduziu o autor a um determinado enunciado (qual a terminologia utilizada e o porquê desta terminologia) e qual a consequência ou efeitos dessas mensagens (quais interpretações e possíveis obstáculos epistemológicos gerados pelas escolhas terminológicas).

Desse modo, apresenta-se um mapeamento de dissertações, teses e artigos científicos, que abordam temas relacionados aos espaços voltados à prática docente. O levantamento de trabalhos acadêmicos foi realizado a partir da consulta aos seguintes bancos de dados: Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD); Portal de Periódicos da CAPES; Google Acadêmico; e SciELO, entre os anos de 2012 e 2022, sendo selecionada a opção de busca por trabalho em qualquer idioma.

Durante a busca pelos trabalhos (estudo sistemático de vocabulários), em uma pré-análise foram selecionados 25 termos (palavras-chave) distribuídos da seguinte maneira: Categoria 1) termos relacionados à formalidade do espaço da prática docente; Categoria 2) termos relacionados à formalidade da prática docente; Categoria 3) termos relacionados aos espaços das IEs, como está descrito no Quadro 1.

Quadro 1: Termos utilizados na busca literária

Categoria	Espaço	Ambiente	Institucionalidade
Formalidade ligada ao espaço da prática docente	EF de Ensino ENF de Ensino EF de Aprendizagem ENF de Aprendizagem EF de Educação ENF de Educação	AF de Ensino ANF de Ensino AF de Educação ANF de Educação	ENFE Institucionalizado ENFE Não Institucionalizado
Formalidade da prática docente	Espaço de Ensino Formal Espaço de Ensino Não Formal Espaço de Educação Formal Espaço de Educação Não Formal	Ambiente de EDF Ambiente de EDNF Ambiente de Ensino Formal Ambiente de Ensino Não Formal	
Espaços das Instituições de Ensino	Espaço Escolar Espaço Não Escolar Espaço Escolar Interno Espaço Escolar Externo		Espaço Não Escolar Institucionalizado Espaço Não Escolar Não Institucionalizado

Fonte: Os autores

Legenda: EF- Espaço Formal; ENF – Espaço Não Formal; AF – Ambiente Formal; ANF – Ambiente Não Formal; EDF – Educação Formal; EDNF – Educação Não Formal; ENFE – Espaço Não Formal de Ensino.

Na sequência, fez-se um estudo a respeito de terminologias e conceitos de espaços voltados à ação docente. Por fim, foi realizada a sugestão das terminologias: “Espaços Escolares e Espaços Não Escolares”, bem como, os desdobramentos destes espaços com suas definições e exemplos.

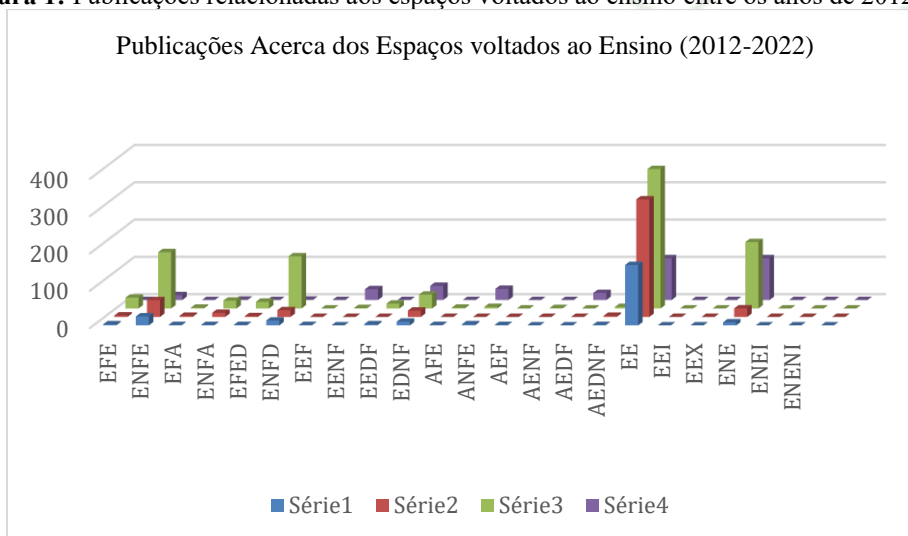
Resultados e Discussão

Os espaços voltados à ação docente: terminologias presentes na Literatura Acadêmica

Durante a pré análise da revisão bibliográfica, a plataforma de busca que mais apresentou resultados foi o *Google Acadêmico*, com 975 trabalhos voltados aos espaços relacionados à ação docente, seguido por Periódicos CAPES (441); SCIELO (355) e BNTD (233), num total de 2.004 registros, conforme a Figura 1.

Deste total, o termo mais representativo foi “Espaço Escolar”, sendo encontrado em 963 trabalhos, seguido por “Espaço Não Formal de Ensino” com 233 trabalhos. Os únicos termos não encontrados foram: Espaço Escolar Interno; Espaço Escolar Externo; Espaço Não Escolar Institucionalizado; e Espaço Não Escolar Não Institucionalizado.

Figura 1: Publicações relacionadas aos espaços voltados ao ensino entre os anos de 2012 e 2022.



Fonte: Os Autores

Legenda 1: Plataformas de Busca - **Série 1:** Dados da BDTD; **Série 2:** Dados do Periódicos Capes; **Série 3:** Dados do Google Acadêmico; **Série 4:** Dados do SCIELO;

Legenda 2: Termos relacionados à Formalidade do Espaço - (EFE – Espaço Formal de Ensino; ENFE – Espaço Não Formal de Ensino; EFA – Espaço Formal de Aprendizagem; ENFA – Espaço Não Formal de Aprendizagem; EFED – Espaço Formal de Educação; ENFED – Espaço Não Formal de Educação)

Legenda 3: Termos Relacionados à formalidade da prática Docente – (EEF – Espaço de Ensino Formal; EENF – Espaço de Ensino Não Formal; EEDF – Espaço de Educação Formal; EDNF – Educação Não Formal; APE – Ambiente Formal de Ensino; ANFE – Ambiente Não Formal de Ensino; AEF – Ambiente de Educação Formal; AEDF – Ambiente Formal de Educação; AEDNF – Ambiente de Educação Não Formal)

Legenda 4: Termos Relacionados aos espaços das Instituições de Ensino (EE - Espaço Escolar; EEI – Espaço Escolar Interno; EEX – Espaço Escolar Externo; ENE – Espaço Não Escolar; ENEI – Espaço Não Escolar Institucionalizado; ENENI – Espaço Escolar Não Institucionalizado).

Dentre os 25 termos (palavras-chave) utilizados na busca, 21 foram encontrados, sendo que



todas as três categorias definidas (formalidade ligada à prática docente, formalidade ligada ao espaço e espaços das IEs) foram encontradas. Este fato demonstra que há uma ampla utilização dos termos Educação, Ensino e Aprendizagem ligados aos termos de Formalidade e de Espaço. Desta forma, muitas vezes estes termos podem ser interpretados como sinônimos, o que se apresenta como um equívoco, uma dificuldade epistemológica para o entendimento científico (BACHELARD, 1996).

Desse modo, a discussão com vistas a um consenso acerca das nomenclaturas e conceituações dos espaços voltados à prática docente, como a proposta deste trabalho, assim como em outras áreas, se faz necessária. Esta reflexão provoca um maior entendimento que, por sua vez, pode reverberar em uma ação docente com maior segurança conceitual ao sistematizarem suas propostas e planejamentos de ensino.

Os espaços voltados à ação docente: conceituações encontradas

Ao se analisar o discurso utilizado por autores brasileiros e estrangeiros percebeu-se o emprego e definições variadas para os espaços voltados à ação docente. Basicamente, pode-se perceber dois grupos de pensadores: um grupo de pesquisadores que se alinha mais ao uso dos termos de formalidade ligados ao “**Espaço da Prática Docente**” e outro grupo que liga os termos de formalidade à “**Prática Docente**”.

Com relação ao uso de termos da Categoria 1 – “**Formalidade ligada ao Espaço da Prática Docente**” (categoria 1, presente entre autores brasileiros como Jacobucci (2008), há a definição de que os espaços voltados à prática docente podem ser Espaços Formais (EF) ou Espaços Não Formais (ENF). Segundo Oliveira; Gastal (2009), ENF são todos os espaços fora do Espaço Geográfico (EG) da escola, ou universidade, e o EF seria o Espaço da Escola. Segundo Jacobucci (2008), ao termo Espaço Formal ou Não Formal é ligada a funcionalidade do Espaço voltado a Educação denominando “Espaço Formal/Não Formal de Educação”. Porém, autores como Araújo; Lobo; Oliveira (2020), como pode-se observar no excerto que segue no Quadro 2, trazem a funcionalidade do Espaço voltado ao termo Aprendizagem – “Espaço Não-Formal de Aprendizagem”. Já os autores Vieira; Bianconi; Dias (2005), apresentam a funcionalidade do Espaço para o Ensino denominando “Espaço Não-Formal de Ensino”.

Quadro 2: Terminologias, excertos e pesquisadores.

Termo de formalidade ligado ao Espaço da Prática Docente		
Terminologias	Excertos	Pesquisador
Espaços Não Formais (ENF) e Espaços Formais (EF)	“ENF são todos os espaços fora do EG da escola, ou universidade, e o EF seria o Espaço da Escola.”	Oliveira; Gastal (2009, p. 1).
EF de Educação ENF de Educação	“Posto que o EF de educação é um EE, é possível inferir que o ENF é qualquer espaço diferente da escola onde pode ocorrer uma ação educativa.”	Jacobucci (2008, p. 56).
EF de Aprendizagem ENF de Aprendizagem	“ENF de aprendizagem são considerados elementos potencializadores das mais diversas aprendizagens dos estudantes.” “Percebe-se que a educação não formal são os mais diversos espaços de aprendizagens que acontece fora de um EF de aprendizagem.”	Araújo; Lobo; Oliveira (2020, p.110-111).
EF de Ensino ENF de Ensino	“Surge a metodologia do uso dos ENF de ensino como as praças, áreas verdes, teatro, parques ecológicos, museus entre outros, que são espaços que proporcionam	Alves et al. (2020, p. 238-239).



	educação e o desenvolvimento da ciência e cultura... o ensino que ocorre fora do ambiente escolar, mas que promove conhecimento como uma extensão da sala de aula.”	
--	---	--

Fonte: Os autores

Denota-se nos dados levantados no Quadro 2 que o uso do termo Espaço Formal e Não Formal vem associado ora com o termo Educação, ora com o Ensino e ora com a Aprendizagem. Isso pode estar ligada à linha de estudo do pesquisador que adota o termo conforme sua percepção e referencial teórico a respeito do que é Educação, Ensino e Aprendizagem. Contudo, Educação, Ensino e Aprendizagem são conceitos distintos (SANTOS; TERRÁN, 2013). Segundo Alves et al. (2020) entende-se por: Educação como sendo um processo de ensino-aprendizagem adquirido pelo indivíduo ao longo da vida, podendo ser desenvolvido de maneira formal, informal ou não formal; Ensino é a ação de transmitir conhecimentos; e Aprendizagem é o processo de aprender, de conceber, assimilar conhecimento e conteúdo.

Todavia, mesmo que tais autores não tratem Educação, Ensino e Aprendizagem como sinônimos, pesquisadores e professores ao iniciarem seus estudos nesta temática, podem ser levados a interpretá-los como sendo sinônimos, visto que alguns trabalhos chamam museus ou Unidades de Conservação (UCs), por exemplo, de ENF de Ensino, e outros de ENF de Educação. Neste sentido, algumas dúvidas podem ser geradas pelo leitor como: “o que é Educação, Ensino e Aprendizagem?” ou, “uma vez que Educação e Ensino são termos distintos, um ENF de Ensino poderá ser aproveitado para a Educação?”. Ainda, “um espaço, como um jardim botânico, sempre será um espaço não formal ou sua formalidade dependerá do público, de quem o administra e do objetivo da visita?”. Assim, estas terminologias podem gerar inseguranças conceituais, obstáculos epistemológicos tanto entre pesquisadores quanto de professores. Neste caso, seguindo o pensamento de Bachelard (1996), se tem um obstáculo científico de natureza verbal, em que ao substantivo “espaço” é colocada uma alta carga de adjetivos (Espaço de ensino, de educação, de aprendizagem, formal, não formal etc.).

Além das associações do EF (segundo os autores supramencionados), aos termos educação, aprendizagem e ensino, em outros países também de língua portuguesa, como Portugal, autores como Rodriguez (2011) apresentam o termo de formalidade ligado à prática docente, e não ao espaço.

Por sua vez, em relação aos termos da Categoria 2 – **“Formalidade ligada ao Espaço da Prática Docente”** a linha de pensamento traz que não é o espaço, ou ainda os ambientes que deve ser considerado formal ou não formal, mas sim a prática docente. Uma vez, que o Ensino, a Aprendizagem e a Educação podem ser exercidos em qualquer ambiente, ou espaço.

Neste caso, autores como Reis; Semêdo; Gomes (2012) apresentam o conceito de Espaço de Educação Formal, Espaço de Educação Não Formal ou Espaço de Educação Informal. Todavia, outros autores trazem Espaços de Ensino Formal e Não Formal (SANTOS; TERÁN 2013), entretanto, fazem a ressalva de que o conceito está ligado ao contexto do objetivo e local da visita, como evidencia-se no excerto que segue.

O Quadro 3 traz os termos ligados à formalidade da prática docente, excertos e respectivos pesquisadores.

Quadro 3: termos ligados à formalidade da prática docente, excertos e pesquisadores.

Termo de formalidade ligado à Prática Docente		
Terminologias	Excertos	Pesquisador



Atividade de Ensino fora da sala de aula	“Neste contexto surgem as actividades realizadas fora das salas de aula que incluem visitas aos museus ou a indústrias, saídas de campo, visitas a reservas naturais, entre outras actividades. Estas actividades têm sido desenvolvidas quer no ensino formal , quer no não formal.”	Salvador; Vasconcelos (2008, p.78-79).
Ambiente de Educação Formal e Ambiente de Educação Não Formal	“Actualmente existem múltiplos ambientes de educação não formal presentes na comunidade e no seio da qual existem também ambientes de educação formal – as escolas. Um dos principais problemas que se enfrenta actualmente é a definição de como se pode perspectivar a relação entre estes dois ambientes.”	Rodriguez (2011, p. 20).
Espaço de Ensino Formal e Espaço de Ensino Não Formal	“Podem haver combinações de modalidade de ensino em relação aos espaços, por exemplo, a visita de um grupo de ensino formal em Espaço Não Formal, e vice-versa.”	Santos; Terán (2013, p. 9).

Fonte: Os autores

Desta forma, novamente se evidencia ocorrer um obstáculo epistemológico de natureza verbal com o substantivo recebendo uma grande quantidade de adjetivos que neste caso, aos leitores e pesquisadores que iniciam na temática, pode parecer que ambiente e espaço são sinônimos. Outra dúvida que pode surgir é” quando que um local poderá ser considerado ambiente e quando será espaço?”, e ainda, “um espaço ou ambiente de ensino formal poderá ser utilizado para o ensino não formal, ou para a educação formal?”.

Espaços Escolares e Não Escolares: conceituações sugeridas

Em relação aos termos da Categoria 3 – “**Termos relacionados aos espaços das IE**”, após a análise dos discursos de autores e do uso que estes dão aos termos (verbetes) para denominar os espaços destinados à ação docente, percebe-se que apesar do termo Espaço Escolar não ser um termo novo, uma vez que ele foi o mais encontrado, não costuma ser utilizado em trabalho que abordem o debate aqui proposto, visto que os termos Espaço Escolar Interno; Espaço Escolar Externo; Espaço Não Escolar Institucionalizado; e Espaço Não Escolar Não Institucionalizado não foram encontrados. Desta forma, essa pesquisa traz como proposição que os espaços voltados ao ensino sejam dispostos em duas categorias: EE e ENE, suas definições seguem nos Quadros 4 e 5. Nestas tabelas, ainda estão esclarecidos os termos Ambiente Convencional (salas de aula) e Não Convencional (os demais espaços das IE – laboratórios, por exemplo). Por fim, há ainda a definição do que são os ENE Institucionalizados e Não Institucionalizados.

Quadro 4: Conceituação e exemplificação de Espaço Escolar.

ESPAÇOS ESCOLARES	Compreende o espaço geográfico (EG) das escolas e universidades. Além destes, consideram-se todos os espaços, imóveis que estão sob a gestão, administração e/ou posse predial direta de IE, sejam elas de ensino infantil, fundamental, médio, técnico ou superior, uma vez que tais locais são utilizados para o ensino formal e não formal.		
Tipo de Espaço	Conceito	Espaços	Exemplos
Espaços Escolares Internos	São os espaços localizados no EG das sedes das IEs.	Salas de aula, Laboratórios; Pátios, Jardins; Jardins Botânicos; Hospitais Universitários; Museus, Unidades de Conservação (UCs).	Museu da PUC-RS – Porto Alegre, RS; Galeria de Biodiversidade do Porto, - Porto, Portugal.
Ambiente Convencional	São os ambientes em que convencionalmente se desenvolvem os conhecimentos teóricos.	Salas de Aula.	Salas de aula do Curso de Ciências Biológicas da UNICALDAS – Caldas Novas, GO.
Ambiente Convencional Não	São os ambientes destinados às atividades complementares às aulas teóricas dos ambientes convencionais.	Laboratórios, jardins, bibliotecas.	Biblioteca Faculdade de Caldas Novas, GO; Jardim Botânico de Santa Maria – UFSM, Santa Maria/RS.
Espaços Escolares Externos	São os espaços pertencentes, administrados e/ou geridos pelas IEs, mas que estão fora do EG da sede destas instituições.	Museus; Aquários Marinhos; Espaços Culturais; Centros de Pesquisa; UCs; Hospitais Universitários.	Hospital São Francisco de Santa Maria, RS; Museu Educativo Gama d’Eça, Santa Maria, RS; Reserva Particular do Patrimônio Natural Pró-Mata, São Francisco de Paula, RS.

Fonte: Os autores

Quadro 5: Conceituação e exemplificação de Espaço Não Escolar.

ESPAÇOS NÃO ESCOLARES	Locais fora do EG das IEs e que não são geridos, administrados ou de propriedade de IEs.		
Tipos	Conceito	Espaço	Exemplo
Espaços Não Escolares Institucionalizados	Espaços que são administrados e geridos por instituições públicas e/ou privadas.	Museus, Aquários, UCs, Jardins Botânicos; Zoológicos.	Parque Estadual da Serra de Caldas Novas, GO.
Espaços Não Escolares Não Institucionalizados	Demais espaços públicos e privados.	Parques, Praças, Ruas.	Praça Mestre Orlando, Caldas Novas, GO.

Fonte: Os autores

Frente ao exposto, esta pesquisa identificou que há um obstáculo epistemológico de natureza verbal relacionado aos espaços voltados à prática docente, neste caso, se faz necessário buscar uma alternativa capaz de reduzir a adjetivação do substantivo (espaço), sendo assim capaz de ultrapassar este obstáculo. Como visto, o termo Espaço Escolar já vem sendo utilizado para se



referir às práticas e experiências docentes nas IE, mas muitas vezes está ligado a trabalhos de inclusão social ou debates sociais dentro e fora das escolas, e não diretamente relacionados à temática deste trabalho (CAVALCANTE, 2019; OLIVEIRA, 2019). Desta forma, opta-se por utilizar os termos EE e ENE para definir que os espaços voltados à ação docente como sendo os espaços das IE (EE) e os espaços utilizados por docentes, mas que não pertencem às IE (ENE). Com isso, ao não se fazer a ligação do termo “**Espaço**” aos termos de formalidade (Formal/Não Formal), e nem aos termos da prática docente (Aprendizagem, Ensino, Educação) entende-se que não haverá margens para dúvidas a respeito dos conceitos de Ensino, Educação e Aprendizagem, ou questionamento de em que circunstâncias um espaço será ou não formal, uma vez que o que deve ser considerado formal ou não formal é a prática docente e não o espaço (SANTOS; TERÁN 2013). A partir disso, por exemplo, um docente que decida realizar uma aula fora da sala de aula poderá ter de forma mais clara a concepção de que sua prática de ensino será formal ou não formal e será realizada em um espaço que pertence ou não a uma IE, ou seja, um Espaço Escolar ou um Espaço Não Escolar.

Considerações Finais

Esse estudo objetivou analisar o sentido das terminologias e conceitos relacionados aos Espaços voltados à ação docente e sugerir uma padronização terminológica a fim de se ultrapassar possíveis obstáculos epistemológicos. Assim, constatou-se nesta pesquisa que ao fazer referência aos espaços voltados à prática docente com termos como Espaços Formais/ Não Formais de Ensino, de Educação ou de Aprendizagem, gera-se obstáculos epistemológicos verbais, o que pode condicionar o leitor a interpretar que Ensino, Educação e Aprendizagem são sinônimos, embora possuam conceitos distintos. Da mesma forma, ao se fazer uso de expressões como Espaços de Ensino ou Ambientes de Ensino, pode-se levar a interpretações de que Espaços e Ambientes, apesar de terem conceituações distintas, sejam vistos como sinônimos. Assim sendo, neste trabalho sugere-se não realizar as ligações do termo espaço aos termos de formalidade e de prática docente, mas sim, a quem administra ou possui tal local, ou seja, se o espaço é vinculado à uma IE (Espaço Escolar) ou não (Espaço Não escolar). Desse modo, poderá se minimizar obstáculos epistemológicos, e contribuir com pesquisas científicas e na prática docente.

Referências

- ALVES, D. S., NASCIMENTO, F. L.; FALCÃO, M. T.; LIMA, R. C. P. (2020). Educação em espaços não formais: química e geografia-da sala de aula para o museu de solos de Roraima. **Revista Insignare Scientia-RIS**, Chapecó, v. 3, n. 2, 237-256, 2020.
- ARAÚJO, G. B. S. S.; LOBO, M. M. S.; OLIVEIRA, E. C. Os espaços não-formais de aprendizagem e sua contribuição para a construção de conhecimentos integrados. In: STROHSCHOEN, A. A. G.; SCHWAZER, C. H.; SILVA, J. S.; MARTINS, S. N.; HENCKES, S. B. R. **Espaços não formais de ensino potencializado a aprendizagem**. 1ª ed. Lajeado, Editora UNIVATES, 2020.
- BACHELARD, g. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda., 1996.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.



Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAVALCANTE, K. L. A construção da identidade negra no espaço escolar: percepções e discussões. **Cadernos Cajuína**, Teresina, v. 4, n. 3, p. 9-19, 2019.

CUNHA, R. B. Alfabetização científica ou letramento científico?: interesses envolvidos nas interpretações da noção de scientific literacy. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, p. 169-186, 2017.

FARIAS, R. C.; LEITE, C. M. C.; SOUZA, M. R. Trabalho de campo não é passeio:: ensino de cidade com o sétimo ano nas imediações da escola em Águas Claras-DF. **X Fórum Nacional de Formação de Professores de Geografia**, p. 1010-1019, 2020. Disponível em: <http://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2017/02/3-2010108-Trabalho-De-Campo-N%C3%A3o-%C3%89-Passeio-Ensino-De-Cidade-Com-O-S%C3%A9timo.pdf>. Acesso em: 14/11/2022.

GONZALEZ, M. O. A.; TOLEDO, J. C. A integração do cliente no processo de desenvolvimento de produto: revisão bibliográfica sistemática e temas para pesquisa. **Production**, v. 22, p. 14-26, 2012.

GOULART, C. M. A. Alfabetização em perspectiva discursiva: a realidade discursiva da sala de aula como eixo do processo de ensino-aprendizagem da escrita. **Revista Brasileira De Alfabetização**, São Paulo, v. 1, n. 9. P. 60-78, 2020.

IOP, E. Trabalho Docente: uma leitura de condições nos modelos produtivos Fordista/Taylorista e Toyotista. **Colóquio Internacional De Educação**, v. 1, n. 1, p. 11-29, 2011.

JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 7, 2008.

JONAS, H. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LORENZATO, S. Laboratório de ensino de matemática e materiais didáticos. In: LORENZATO, S. Laboratório de ensino de matemática na formação de professores. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

KUBO, O. M.; BOTOMÉ, S. P. Ensino-Aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 5, 2001.

LÉVY, Pierre. **Inteligencia coletiva**: por uma antropologia del ciberespacio. Washington: BIREME, 1998.

OECD, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Annual report 2005**. Paris: OECD, 2005.

OLIVEIRA, A; S. Notas sobre inclusão digital no espaço escolar à luz dos usos dos memes. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 214-230, 2019.

OLIVEIRA, R. I. R.; GASTAL, M. L. A. Educação formal fora da sala de aula: olhares sobre o ensino de ciências utilizando espaços não formais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., Florianópolis, 2009. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: <http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viienepec/pdfs/1674.pdf>. Acesso em: 19/08/2022.



OLIVEIRA, Z. V.; KIKUCHI, L. M. O laboratório de matemática como espaço de formação de professores. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, p. 802-829, 2018.

REIS, L. C. L.; SEMÊDO, L. T. A. S.; GOMES, R. C. Conscientização Ambiental: da Educação formal a não formal. **Revista Fluminense de Extensão Universitária**, Vassouras, v. 2, n. 1, p. 47-60, 2012.

RODRIGUES, A. A. V. **A educação em ciências no Ensino Básico em Ambientes Integrados de Formação**. 2011. 1527 f. Tese (Doutorado em Didática e Formação), Universidade de Aveiro, Aveiro, 2011.

RUEDA, R. A. S. Impacto del aula invertida en el proceso de enseñanza-aprendizaje sobre los mapas de Karnaugh. **Revista Electrónica Educare**, Herida, v. 25, n. 2, p. 13, 2021.

SABA, L. B. M. Atividades baseadas em projetos: aprender a descobrir e vivenciar com as aulas-passeio. In: NACIMENTO, J. C. (Org.) **Cotidiano escolar: os diferentes saberes nas práticas pedagógicas**, Curitiba: Editora CRV, p. 159, 2021.

SALVADOR, P.; VASCONCELOS, C. M. S. Atividades *outdoor* e a alfabetização científica de aluno de um clube de ciências. **Linhas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 76-90, 2007.

SANTOS, S. C. S.; TERÁN, A. F. O uso da expressão espaços não formais no ensino de ciências. **Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 6, n. 11, p. 1-15, 2013.

SMITH, C., CROCKER, S.; ALLMAN, T. Reading between the lines: Accessing information via YouTube's automatic captioning. **Online Learning**, Vancouver, v. 21, n. 1, p. 115-131. 2017.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VESTENA, R. F.; BOER, N.; SCHEID, J. S. N. M. O conceito de heredograma em livros didáticos de Biologia do Ensino Médio. **Enseñanza de las ciencias: revista de investigación y experiencias didácticas**, Barcelona, n.º Extra, pp. 1415-1420, 2017.

VIEIRA, V.; BIANCONI, M. L.; DIAS, M. Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 4, p. 21-23. 2005.

ZURAWSKI, R. L.; BOER, N.; SCHEID, N. M. J. O professor e os novos contextos de ensino: uma abordagem teórico-metodológica em tempos de pandemia. **Disciplinarum Scientia Ciências Humanas**, Santa Maria, v. 21, n. 2, p. 81-93, 2020.